



ROCHA E MAR

Daniela Vicentini¹

ROCK AND SEA

ROCCIA E MARE

¹ Doutoranda na linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos da UDESC. Investiga conceitos de natureza e realiza obras em caminhadas, aquarela, escritos e processos colaborativos. vicentinidan@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0894-4287>. Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/0553803387885690>

RESUMO

Nos primeiros meses de pandemia, em 2020, fiz aquarelas pela observação repetida do encontro da água e da rocha no mar. Esse motivo foi surgindo como um diálogo que trouxe o dar-me conta, de sobressalto, do acaso que me fez conectar com esse encontro de forças. Trechos da escrita de um diário que acompanhou esses meses se tornaram desenhos que procuram trazer a vista longínqua do mar e o brilho nas águas, em nanquim prata sobre papel sulfurize. Essa série se constitui de encontros que ocorrem também com o vídeo Leão Marinho e com um pequeno objeto deixado pelo mar na areia, registrado em fotografia.

Palavras-chave: Aquarela. Escrita. Mar. Ensaio visual.

ABSTRACT

In the first months of the pandemic, in 2020, I painted watercolours while repeatedly observing the meeting of water and rock in the sea. This theme emerged as a dialogue that brought me the realization, with a start, of this chance encounter that made me connect with this meeting of forces. Excerpts from a diary from these same months became drawings that seek to bring the distant view of the sea and the glitter in the waters, in silver nankeen on parchment paper. This series is constituted by encounters that also occur with the video Sea Lion and with a small object left by the sea on the sand, which was registered in photography.

Keywords:

Watercolour. Writing. Sea. Visual essay.

RIASSUNTO

Nei primi mesi della pandemia, nel 2020, ho realizzato acquerelli osservando ripetutamente l'incontro dell'acqua e della roccia in mare. Un motivo che è emerso come un dialogo che ha risvegliato la mia connessione con questo incontro di forze. Dalle annotazioni fatte sul diario che tenevo in quel periodo sono venuti fuori dei disegni che cercano di portare la vista lontana del mare e il bagliore nelle acque, in inchiostro argento su carta cerata. Questa serie è costituita da incontri che avvengono anche con il video Leone marino e con un piccolo oggetto lasciato dal mare sulla sabbia, che è stato registrato in fotografia.

Parole chiave:

Acquerello. Scrittura. Mare. Saggio visivo.

No primeiro semestre de 2020, em 16 de março precisamente, fomos acometidos pelo isolamento social devido ao covid-19. Depois de um mês, em abril, me transferi para uma casa de frente para o mar. Nos meses que se seguiram, realizei a série que intitulo Rocha e mar. Ela se constitui de uma série de aquarelas, de desenhos com escrita, de um objeto encontrado e do vídeo Leão marinho. As aquarelas foram sendo feitas no decorrer dos meses, tendo como foco o movimento da água e sua força ao vir de encontro às rochas à beira-mar. Várias sessões de pintura ocorreram. Paralelamente, fui escrevendo um diário e trazendo os pensamentos e os acontecimentos que se deram naqueles meses. Resolvi transformar trechos do diário numa escrita como desenho em nanquim prata sobre papel sulfurize.

O tema das aquarelas, pinturas feitas pela observação repetida do encontro da água e da rocha, me trouxe um entendimento de mim mesma e daquilo que estava ocorrendo comigo naqueles meses. Não era a ilustração de um sentimento, pintar a rocha e a água, mas o dar-me conta, de sobressalto, do acaso que me fez conectar meditativamente com a materialidade desse encontro de forças. Meus olhos escolheram uma rocha sozinha na água e as ondas indo e vindo. Pinteí muitas vezes essa mesma rocha. Tive uma reunião; para começar, fomos convidados a desenhar uma imagem de como estávamos nos sentindo, e foi com essa pergunta que dei um sentido ao que estava fazendo. Nos textos que transformei em desenhos, procuro relatar como isso se deu.

Numa manhã em que saí cedo para pintar, já no final do período em que eu ficaria naquela casa, em agosto de 2020, foi como uma epifania encontrar um leão-marinho. Estava com meu material de pintura numa pedra e escutei um som alto de uivo. Era muito cedo, tinha só um pescador. Não identifiquei o som de início. Aí me dei conta de um corpo mole sobre a rocha, quase que como ela. Fiquei tão extasiada com aquele bicho selvagem num ambiente todo seu, ainda que deslocado geograficamente e longe de seus pares. Aproximei-me um tanto estabnada e ele foi para

a água. Filmei um pouco. Primeiro, ele foi jogado pelas ondas, depois nadou longe no mar. Juntei a essa filmagem (Fig. 1) palavras que revelam certo reconhecimento do bicho em mim.

Outro encontro inusitado ocorreu nas caminhadas. O que dizer da delicadeza do objeto que apresento em fotografia nessa série (Fig. 2)? Quanto tempo estaria ele submerso para surgir exatamente no momento em que eu caminhava sozinha pela praia, puxando meus olhos com seu pontinho vermelho dissonante na areia rosada?

Encontrei no conceito de transc corporalidade, de Stacy Alaimo, uma convergência com aquilo que busco em minha prática artística. Esse conceito significa um transpor: “o tempo-espaço em que a corporalidade humana, em toda sua carnalidade material, é inseparável da natureza do ambiente” (ALAIMO, 2017, p.910). A autora procura trazer o entendimento concreto de que “a natureza está sempre tão perto quanto a própria pele” (ALAIMO, 2017, p. 910). Esse conceito procura estabelecer relações éticas entre a corporalidade humana e o mundo-mais-que-humano que sobrepuje a noção de dominação da natureza, que perpassa as ações do ser humano na cultura ocidental e reduz as matérias da natureza a recursos utilitários. Em suas palavras:

O reconhecimento de que o corpo tem suas próprias forças, interligadas e continuamente interagindo com matérias mais amplas e com forças sociais, econômicas, psicológicas e culturais pode ser não apenas útil, mas também ético. Num sentido mais óbvio, se não se pode presumir o domínio do próprio corpo, que tem “suas” próprias forças, muitas das quais não podem ser totalmente compreendidas mesmo com a ajuda do conhecimento e da tecnologia médica, não se pode presumir o controle do resto do mundo, que está para sempre interagindo de formas incompreensivelmente complexas. (ALAIMO, 2017, p. 921).



FIGURA 1.

Leão Marinho, 2020. Vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/l6jRNMLR90o>.



FIGURA 2.

Caramujinho, 2021. Fotografia digital. Crédito fotográfico: Lorena Galery.

Interessam-me nessa passagem a ideia da suspensão da autoconsciência do corpo, a falta de controle, o medo, a vulnerabilidade, a impossibilidade de abarcar todas as forças interligadas que constituem o nosso corpo e a inferência da impossibilidade de controle sobre o outro além de nossa pele – o mundo-mais-que-humano. A transcorporalidade busca suplantar a noção de controle, de domínio, de utilidade e, portanto, de afastamento da natureza que caracteriza o ser humano ocidental, pelo menos, acredito, desde a época das colonizações e do desenvolvimento da ciência. Num entendimento feminista, para Alaimo, é preciso reconhecer a natureza não apenas como um recurso passivo para a exploração do homem e o corpo humano como algo além de uma tábula rasa aguardando a inscrição da cultura:

O “espaço” epistemológico se torna ético na filosofia ambiental e na teoria feminista porque repele presunções de domínio humano que reduziriam a matéria da vida a meros “recursos” para o consumo humano. O espaço epistemológico precisa ser um lugar contíguo – sempre tão próximo quanto a nossa própria pele – e, mesmo assim, proporcionar um amplo espaço para que o mundo-mais-que-humano possa agir e, ainda mais especificamente, intra-agir de formas surpreendentes. (ALAIMO, 2017, p. 922).

Realizo meus exercícios artísticos – meditativos e lúdicos – de autodesenvolvimento, com o desejo ardente de apurar os meus sentidos para efetivamente me sentir parte de uma paisagem que se faz inclusive com a minha presença. Algumas vezes, isso me traz presentes ou, nas palavras de Alaimo, “a permissão de um espaço-tempo para intra-ações materiais inesperadas” (ALAIMO, 2017, p. 922). Trata-se de um espaço transcorpóreo em que as ações da vida mais-que-humana se unem ao espaço da interioridade do meu corpo.

Li no livro PALAVRARmais, da artista chilena Cecilia Vicuña, um trecho

de Healing Sounds: The Power of Harmonics, de Jonathan Goldman:

O corpo entra em ressonância consigo mesmo no ponto silencioso entre a inalação e a exalação. Itzhak Benov estima que neste instante o corpo emite uma onda de 7,8 ciclos por segundo. É exatamente a frequência da Terra. (GOLDMAN, 2002, apud VICUÑA, 2017, p. 14).

Assim, a série Rocha e Mar, de 2020, se dá pela procura de conversações com as substâncias além de minha pele no exercício de nadar, de pintar e de caminhar com o desejo de estar no mesmo ritmo que a frequência de ondas da Terra.



FIGURA 3.

Série Rocha e Mar 22/05, 2020. Aquarela sobre papel, 20 x 30 cm.



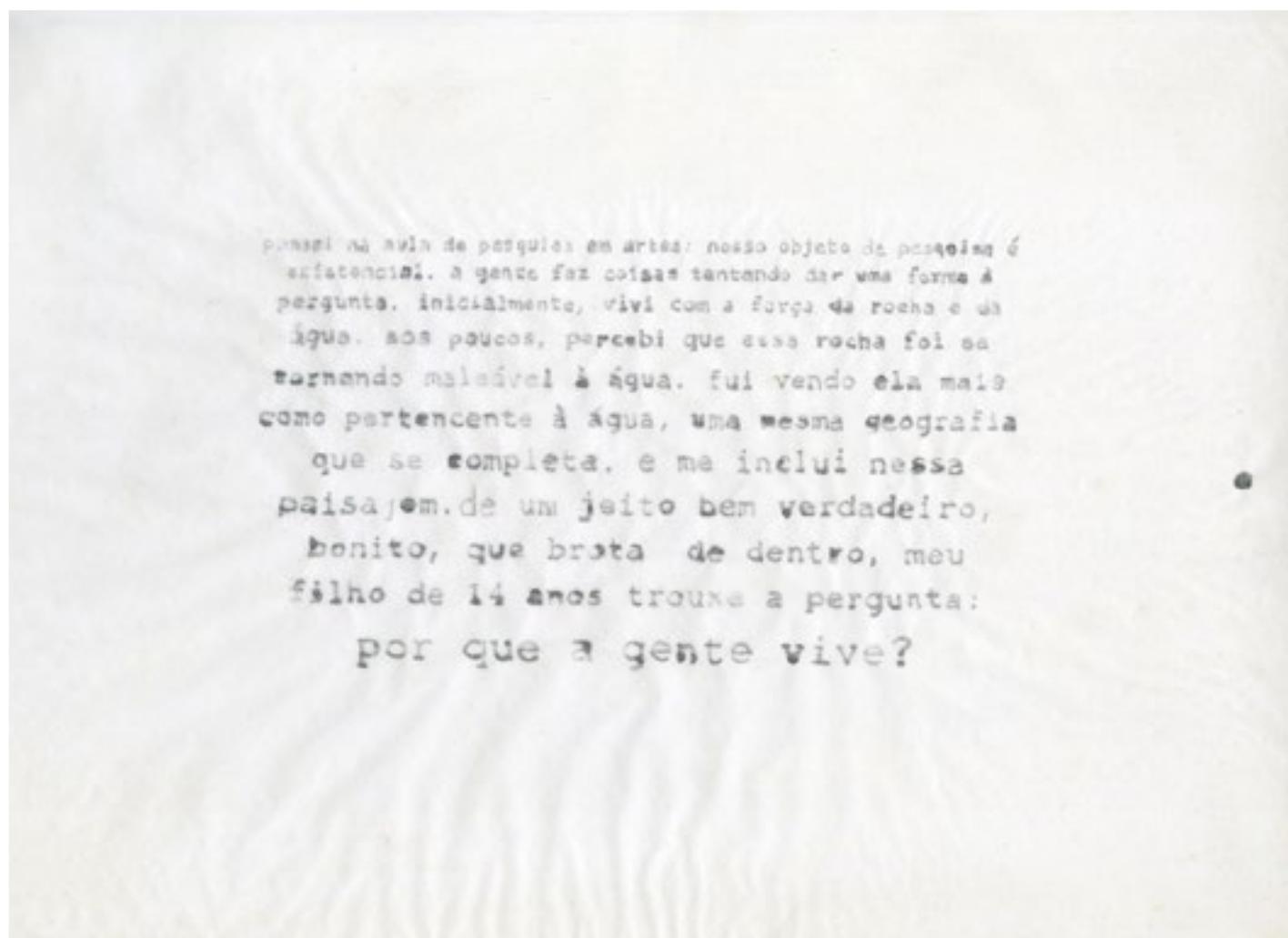
FIGURA 4.

Série Rocha e mar 22/05-2, 2020. Aquarela sobre papel, 20 x 30 cm



FIGURA 5.

Série Rocha e Mar – escrito 1, 2020. Nanquim prata sobre papel sulfureado, 30 x 42 cm.

**FIGURA 6.**

Série Rocha e Mar – escrito 2, 2020. Nanquim prata sobre papel sulfurize, 30 × 42 cm



FIGURA 7.

Série Rocha e Mar 07/06, 2020. Aquarela sobre papel, 23 × 31 cm.



FIGURA 8.

Série Rocha e Mar 21/08, 2020. Aquarela sobre papel, 23 × 31 cm.

Referências

ALAIMO, Stacy. **Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 909-934, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/50724>. Acesso em: 4 fev. 2021.

VICUÑA, Cecilia. **PALAVRARmais.** Editora Medusa: Curitiba, 2017.

Artigo submetido em: 26/11/2021

Aceito em: 21/03/2022



A editoração deste artigo recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil (PROAP/AUXPE)”.